



Operações no Espaço, Operações na Memória: Uma análise do Welcome Park, de Venturi, Scott-Brown & Rauch, na Filadélfia

Operations in Space, Operations in Memory: An analysis of Welcome Park, designed by Venturi, Scott Brown & Rauch in Philadelphia

Fernando Atique*

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo do *Welcome Park*, uma espécie de memorial projetado pelo escritório norte-americano de Robert Venturi, Denise Scott-Brown e John Rauch. Localizado em um antigo espaço privado, o lote foi transformado em uma praça e foi incorporado ao *Independence Park*, montado na cidade de Filadélfia. O local permite-nos mostrar concepções importantes de projeto, contrastando com o esquema geral adotado pelo Departamento Americano de Parques. Desta forma, o trabalho mostra que a intenção de celebrar a William Penn, o fundador da Filadélfia, os arquitetos desenvolveram uma reflexão importante sobre as concepções de memória e história naquela cidade, de certa maneira, contrastantes com as posturas mais tradicionais de simulação de um passado, e invenção de uma memória.

Palavras-chave: Venturi. Welcome Park. Patrimônio.

Abstract

This paper presents a study of the *Welcome Park*, a kind of memorial designed by the US Office of Robert Venturi, Denise Scott-Brown and John Rauch. Located in a former private area, the lot was turned into a square and was incorporated to the American Independence Park, in the city of Philadelphia. The site allows us to show important conceptions of project, contrasting with the general scheme adopted by the US Park. In this way, the paper shows that intending to celebrate the William Penn, the founder of Philadelphia, the architects developed an important reflexion concerning the conceptions of memory and history in that city.

Keywords: Venturi. Welcome Park. Heritage.

*Fernando Atique é Arquiteto e Urbanista, Mestre e Doutor em História da Arquitetura e do Urbanismo pela USP. É professor de História, Espaço e Patrimônio Edificado na UNIFESP. Lidera o grupo CAPPH – Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica.

Although the National Park Service had been commissioning major modern buildings for at least a decade, Venturi's ideas were a radical departure from the conventional design philosophy (GREIFF, 1987, p.22).

Constance Greiff, uma historiadora americana que se dedicou a entender a montagem do Parque da Independência dos Estados Unidos, ao escrever a citação acima reproduzida aponta, com precisão, o papel dissonante que o escritório de Venturi, Scott-Brown e Rauch desempenha não apenas no parque que nos interessa, mas, também, no órgão estadunidense a tratar dos espaços simbólicos americanos. A historiadora revela algumas dificuldades enfrentadas pelos órgãos do patrimônio daquele país no trato com a Memória, mas, também, no enfrentamento da tutela do patrimônio que lhes é cabível. No caso em questão, as discussões acerca dos limites que a memória e as fontes documentais impõem constituem-se num flagrante da “filosofia de projeto” arraigada naquele país.

Neste artigo, queremos discutir como um Memorial desenhado pelo célebre escritório americano valoriza a apreensão da personalidade homena-

geada – o fundador da cidade, William Penn –, mas, sobretudo, apresenta a possibilidade de percepção de que a arquitetura e o urbanismo, ao se afastarem das réplicas e simulações espaciais, criam novo interesse sobre o bem patrimonializado e despertam relações memoriais mais efetivas junto à sociedade.

Algo curioso que procuramos mostrar, então, é que o parque criado precisou arrasar uma miríade de pré-existências, para inserir-se no tecido urbano secular da cidade da Filadélfia, tentando, ao mesmo tempo, criar um território que conservasse relações formais e visuais com a cidade “histórica” que havia sobrevivido.

O escritório de Venturi, Scott-Brown e Rauch, ao terem que lidar com as decisões macroestruturais implantadas pela municipalidade da Filadélfia e pelo Serviço de Parques Americano, negaram a continuidade formal e visual que estava sendo

praticada na área, abrindo uma janela para que as operações com o espaço, fossem percebidas como nítidas operações com a memória.

De toda forma, a compreensão da atitude “memorial” pelo “projeto”, praticada pelos arquitetos americanos só se fará compreensível se conhecermos as atitudes que deram origem à cidade da Filadélfia, algo que faremos a seguir.

Um “Quaker” e uma “Cidade”: William Penn e a Filadélfia

A história de ocupação da área em que se encontra a cidade estadunidense da Filadélfia está intimamente ligada à trajetória de seu fundador, o inglês William Penn. William Penn nasceu na cidade de Londres, em 14 de outubro de 1644. Seu pai, Sir William Penn, era um almirante e rico proprietário de terras, em especial na Irlanda. Sua mãe, Margaret Jasper Vanderschuren, era filha de um comerciante britânico. Penn foi formalmente educado em *Chigwell School*, em Essex, e fora criado na religião Anglicana. Em 1660 passou a frequentar o *Christ Church College* (hoje conhecido como Universidade de Oxford), mas foi expulso de lá, pois havia criticado a religião oficial da Inglaterra, negando a saudar o rei britânico e a dispor-se ao serviço real. Seu pai, então, o enviou para a França, para que fosse educado na *Académie Protestant de Saumur*, fundada por Philippe de Mornay, e um forte reduto de formação de huguenotes. Em 1664, de regresso à Inglaterra,

já educado em Teologia, envolveu-se com estudos de Direito na Academia *Lincoln's Inn*. Neste mesmo período, William Penn, em viagem à Irlanda, encontra-se com os “amigos” da *Society of Friends*, também conhecidos como “quakers.”¹

Por volta de 1670, Penn havia se tornado uma figura de grande importância na comunidade *quaker*. Seu conhecimento de leis o alçou, inclusive, a uma certa liderança dentro da seita religiosa, o que o levou a ser escolhido para resolver uma disputa de terras entre *quakers* na colônia americana de *West New Jersey*. Depois de resolver a disputa, ele foi escolhido para organizar a fundação de uma colônia quacre na América. Penn, então, requisita ao Rei Charles II, a doação de mais terras a oeste do Rio Delaware, alcançando mercê em 1681 (THOMAS; BROWNLEE, 2000, p.23).

Assim, neste mesmo ano, foi expedida a carta de concessão e, ele encetou viagem até a área a bordo do navio *Welcome*. Penn aportou na área em 8 de novembro de 1682 e, no mesmo ano, deu início ao processo de ocupação do que se convencionou chamar, em inglês, do *Commonwealth of Pennsylvania* (PHILADELPHIA: A GUIDE..., 1994, p.10-12). O nome “*Pennsylvania*” foi sugerido pelo rei inglês, que, ciente da grande quantidade de árvores na área doada, a batizou de “*Bosques de Penn*” -, em tradução aproximada para o português.² Penn, então, imediatamente começou a dirigir essa “santa experiência” de planejamento territorial e de governo da nova colônia: redigiu sua constituição, orga-

1. O termo *Quaker* (balançar-se) advém do fato de que os fiéis desta denominação religiosa se chacoalham durante seus encontros. Conferir, também: www.biography.com/people/william-penn-9436869#early-life-and-education. Acesso em 26 mar 2015.

2. Conforme um de seus biógrafos, Jim Powell, “*Penn seria o proprietário de todas as terras [doadas por Charles II], respondendo diretamente ao rei. De acordo com os relatos tradicionais, Penn concordou em cancelar a dívida de dezesseis mil libras que o governo devia ao almirante [seu pai] por salários atrasados, mas não restam documentos de tal acordo. No início de cada ano, Penn tinha que dar ao rei duas peles de castor e um quinto do ouro e da prata minerados no território*”. Conferir: <http://ordemlivre.org/posts/biografia-william-penn>. Acesso 26 mar 2015.

nizou a distribuição de terras a colonos e estabeleceu relações pacíficas com os índios locais.

Em termos espaciais, o principal assentamento urbano do *Commonwealth* foi planejado por William Penn e por seu principal assistente, Thomas Holme, autor do plano dessa que foi a primeira cidade totalmente planejada, *a priori*, nas colônias britânicas. O nome escolhido por Penn para a sede de seu *Commonwealth* remete ao termo grego “*filadelfos*”, que foi usado no livro bíblico do Apocalipse para designar a igreja do “*amor fraterno*”: Filadélfia. Em alguns aspectos, a Pensilvânia e, mais especificamente a Filadélfia, gozaram de um grande sucesso, mesmo a despeito dos problemas financeiros verificados, das disputas fronteiriças e dos conflitos políticos. Muitos quacres da Europa, em especial da Grã-Bretanha e da Alemanha, imigraram para a nova colônia e começaram a cultivar a terra e a desenvolver relações comerciais valendo-se do porto fundado no rio Delaware, em posição geográfica que o protegia de ataques.

Em 1684, Penn voltou para a Inglaterra de modo a cuidar da fortuna deixada por seu pai, a qual corria sérios riscos em função das alterações de leis pela Coroa Britânica. Ele viveu na Pensilvânia novamente entre 1699 e 1701, mas após esta data nunca mais regressou, deixando a colônia sob a gestão do seu secretário, James Logan, e de vários vice-governadores que os sucederam (THOMAS; BROWNLEE, 2000, p.23).

Em termos sociais, a ideia de William Penn para a Filadélfia era desenvolver um núcleo onde houvesse a liberdade de culto, de ideias, além de desenvolvimento econômico. O plano desenhado por Holme baseou-se numa quadrícula aos moldes dos traçados hipodâmicos, que se desenvolve no sentido norte-sul, e leste-oeste, sendo sobreposto por duas largas vias, denominadas “*Broad Street*” e “*High Street*”, que se cruzam no centro geométrico da imensa gleba entre os dois rios que dominam a paisagem: o *Delaware* e o *Schuylkill* (Figura 1). Jim Powell nos informa que:

ele planejava uma cidade de quarenta e cinco quilômetros quadrados, mas seus amigos mais sóbrios da sociedade consideraram o objetivo exageradamente otimista. Aceitaram um plano de cinco quilômetros quadrados. Penn deu nome às principais ruas, incluindo *Broad*, *Chestnut*, *Pine* e *Spruce* (POWELL, 2008).

Em 1687, Thomas Holme desenhou um plano de ocupação de áreas circunvizinhas à cidade, tentando aglutinar outros vilarejos existentes, formados por imigrantes suecos e alemães (Figura 2). Por ter sido o porto da cidade locado no *Delaware River*, a cidade teve maior concentração de residências e demais funções urbanas neste front, deixando o lado oeste da cidade, defronte o *Schuylkill*, por anos, menos habitado (PHILADELPHIA: A Guide..., 1994, p.12).

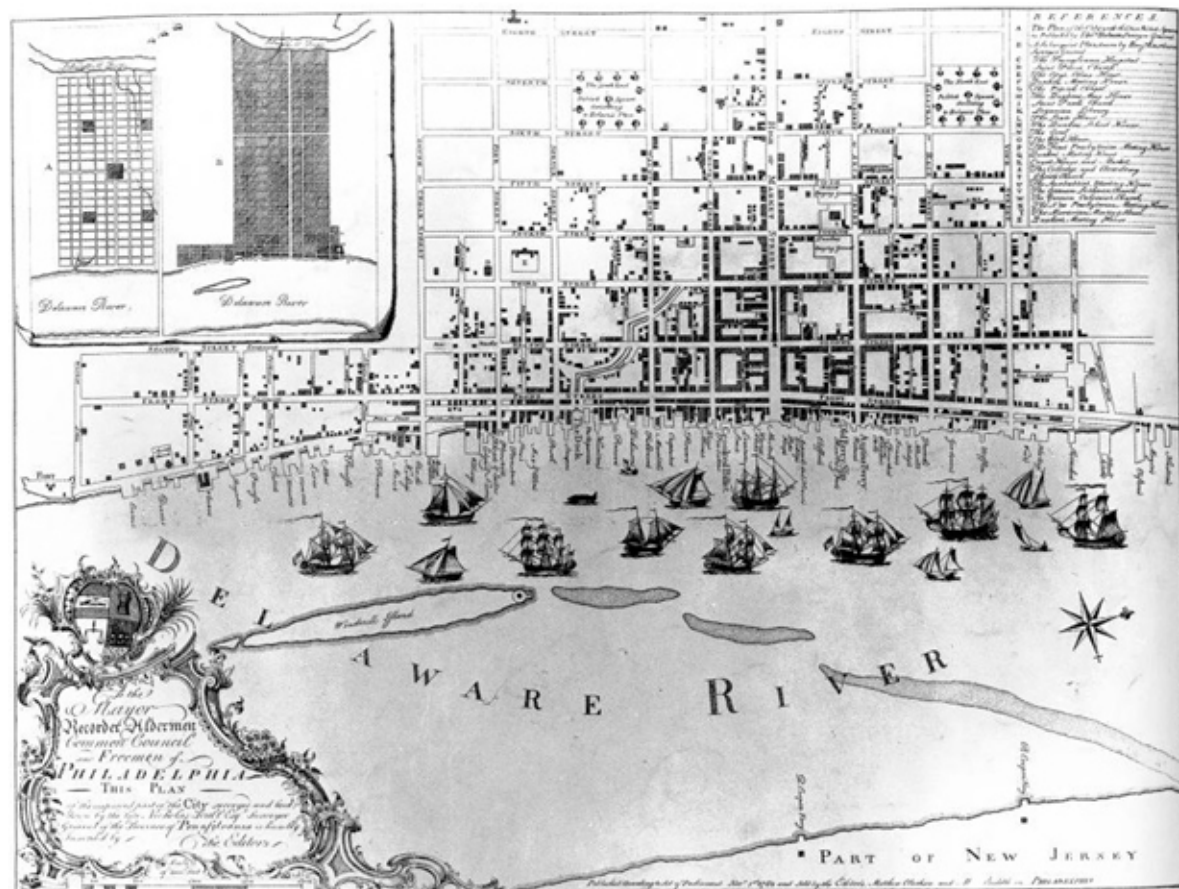


Figura 1. O front da Filadélfia. Acima, à esquerda, mapa mostrando o traçado de Thomas Holme para a cidade. Fonte: Thomas; Brownlee, 2000.

Segundo dados apresentados pelo *Philadelphia Architecture: a guide to the city*, em 1701, o núcleo possuía 2 mil moradores, mas, em 1740, já concentrava 10 mil habitantes. Esta era a segunda cidade em tamanho e volume de negócios nas 13 Colônias Britânicas, perdendo apenas para Boston (FOUNDATION PHILADELPHIA: A Guide..., 1994, p.13). Jim Powell nos relata que

Muito antes de sua morte [em 1712], a Pensilvânia deixou de ser um lugar espiritual dominado pelos Quakers. As políticas de Penn de tolerância religiosa e paz – sem serviço militar obrigatório – atraíram todo tipo de imigrantes europeus castigados pelas guerras. Havia ingleses, irlandeses e alemães, católicos, judeus e um agrupamento de seitas protestantes que incluíam tunkers, huguenotes, luteranos, menonitas, moravianos, pietistas e schwenkfelders. A liberdade trouxera tantos imigrantes que, na época da Revolução Americana, a população da Pensilvânia crescera para trezentas mil pessoas e se tornara uma das maiores colônias. A Pensilvânia foi o primeiro *melting pot* americano (POWELL, 2008).

Numa cidade com tamanha concentração populacional, as modificações espaciais eram grandes e sucessivas, e não cessaram ao longo dos anos. Contudo, vale a pena realizar uma imersão em busca das casas de William Penn naquela região, tentando encontrar os antedecentes do *Welcome Park* que procuramos analisar.

As Casas de William Penn

Penn construiu uma casa para si numa região chamada *Bucks County*, numa região campestre da Pensilvânia. O local que abrigou sua residência ficou conhecido como *Pennsbury Manor*, e, ali, a casa principal fora erigida, entre 1682 e 1686, em alvenaria de tijolos, uma das características construtivas básicas também



Figura 2. Plan of the city and environs of Philadelphia, 1777. Fonte: Independence National Historical Park. Disponível em: <http://www.nps.gov/nr/twhp/wwwlps/lessons/132independence/132locate2.htm>. Acesso 31 jul 2015.

3. Conferir http://en.wikipedia.org/wiki/Pennsbury_Manor. Acesso 28 mar 2015.

4. Verificar: http://digitallibrary.hsp.org/index.php/Detail/Object/Show/object_id/1200. Acesso em 26 mar 2015.

verificadas na Filadélfia (Figura 3). Esta propriedade rural foi pensada como um local que possibilitasse a Penn cercar-se de provisões e de silêncio. Contudo, em função da implantação do núcleo urbano, ele acabou despendendo longos períodos na Filadélfia, deixando a casa vazia por longo tempo. A propriedade já tinha caído em completo desuso em 1736. Em 1792, a casa que até então havia permanecido entre os descendentes do primeiro proprietário foi vendida, já num grau elevado de arruinamento.



Figura 3. Pennsbury Manor. Notar a casa de William Penn em destaque. Fonte: THOMAS, 1991. Disponível em: www.tehistory.org/hqda/html/v29/v29n2p077.html.

Se William Penn pouco conseguiu usufruir de sua propriedade rural, sabe-se que no núcleo urbano ele não erigiu uma casa própria. Antes, parece ter vivido em imóveis cedidos e alugados.³ O mais célebre imóvel que ocupou foi o que existiu na Segunda Rua (*Second Street*) da Filadélfia: a casa denominada *Slate Roof* (Casa do Telhado de Ardósia).



Figura 4. Uma aquarela de Charles Wilson Peale, datada de 1778, retratando a *Slate Roof House*. Fonte: William Le Breton Archives, disponível em: <http://www.brynmawr.edu/iconog/br/br22.jpg>. Acesso 25 mar 2015.

Entre 1699 e 1701, Penn alugou um imóvel de grandes proporções arquitetônicas no centro da Filadélfia, a casa denominada *Slate Roof House* (Figura 4). A casa, datada de 1687, fora edificada a mando de Samuel Carpenter, e ostentava um incerto estilo “jacobino” (HISTORICAL SOCIETY OF PENNSYLVANIA)⁴. Com o regresso de Penn à Inglaterra, a casa continuou servindo de moradia ao governador Logan, sucessor de Penn, e também de sede da administração do *Commonwealth*, por anos.

No século XVIII, a cidade tornou-se capital federal, título que manteve até a inauguração de Washington D.C., em 1800. Ao longo do século XIX, a localidade cresceu exponencialmente, tornando-se uma das primeiras metrópoles da América. Uma das razões para tal crescimento foi o incremento industrial, que a colocou como um



Figura 5. Fotografia datada de 1854, enquadrando a *Slate Roof House*. Fonte: *The Library Company of Philadelphia*. Disponível em: http://lcpdams.librarycompany.org:8881/R/?func=dbin-jump-full&object_id=8183&local_base=GEN01.

5. Conferir: www.ushistory.org. Disponível em: <http://www.ushistory.org/tour/welcome-park.htm>. Acesso em 20 dez 2014.
6. *Valley Forge* é um dos sítios históricos dentro da Revolução Americana. Distante cerca de 32 Km da Filadélfia, é um ponto turístico de atração nacional nos Estados Unidos. Verificar, para uma consulta rápida: ushistory.org. Dis-

ponível em: www.ushistory.org/tour/welcome-park.htm. Acesso 28 mar 2015.

7. *Germantown* dista cerca de 13 km da cidade da Filadélfia. Foi fundada por quacres alemães, no mesmo período da chegada de Penn. Hoje, ostenta casas históricas centenárias e é um sítio de relevância histórica para os Estados Unidos.

dos principais polos manufatureiros e exportadores do globo. Segundo o site mantido pelo *Independence Hall Association*,⁵ “em meados dos anos 1800 houve uma crescente conscientização sobre a necessidade de preservar as casas históricas, na Filadélfia”, mas, conforme dados consultados e a pesquisa in loco efetuada, grande parte da cidade ideada por William Penn e Holme foi substituída por casario e edifícios novos.

O destino de muitos terrenos e antigas casas da Filadélfia também atingiu a *Slate Roof House* (Figura 5). Assim, no século XIX, a propriedade foi substituída por outra casa, de estilo vitoriano, erigida em 1867.

Uma “Cidade Histórica” Feita de Memórias?

Em 1900, com mais de 1 milhão e 200 mil habitantes, a cidade da Filadélfia possuía forma e habitantes muito diversos dos da época do período fundacional. Distritos históricos, como o *Valley Forge*,⁶ e *Germantown*⁷ eram conhecidos, mas a celebração ao patrimônio edificado ainda era muito pouco presente.

Contudo, durante as primeiras décadas do século XX, uma nova ideologia começou a vigorar no país, e a Filadélfia foi elevada à condição de “berço da memória nacional”. Ali deveriam ser colocados em destaque os símbolos materiais do nascimento da nação americana, que avançava, a passos largos, em seu processo de con-

tato pelos países mundo afora, num processo que Jeffrey Cody analisou como “americanização” (CODY, 2001). Ao mesmo tempo em que se construía um processo expansionista, em que produtos, arquiteturas e tecnologias eram exportados, o país iniciava sua “celebração memorial”. Na Filadélfia, lugar em que o Congresso Continental tomou lugar, o *Liberty Bell* foi soado, em que a bandeira americana foi por Betsy Ross costurada, e que a nação teve uma de suas principais sedes, entre 1790 e 1800, era esperado que se criassem políticas, públicas e particulares, para a evocação dos feitos históricos. Pode-se dizer, então, que se inventava uma “cidade histórica”. Ressalta-se que não se via a cidade cuja materialidade era ainda presente como histórica, ou passível de ser historiada, mas, sim, procurava-se dotar de historicidade uma cidade cuja vocação “memorial” deveria ser superestimada.

Assim, quando em 28 de junho de 1948 o Congresso dos Estados Unidos criou oficialmente o *Independence Park*, um processo de busca e eleição pelas principais memórias da “cidade-retrato da nação” estava sendo coroado de êxito. Até 1956, quando na significativa data de 04 de julho, o Parque foi oficialmente inaugurado, transformações intensas haviam se instaurado no discurso oficial e na estrutura física da localidade, dando, literalmente, nova forma à antiga cidade e descortinando as estruturas simbólicas de poder (BOURDIEU, 2007).

Um Parque “Dentro” da Cidade

O *Independence Park*, adevio, em grande, parte da pena do urbanista Edmund Bacon (1910-2005). Nascido na Filadélfia, Bacon diplomou-se em Arquitetura na *Cornell University*, em 1932. Entre 1947 e 1970 foi diretor executivo da *Philadelphia City Planning Commission*, entidade pública que no pós-Segunda Guerra interveio com grande força no território da antiga capital federal. Uma das principais premissas de Bacon era expressa por meio do dístico conceitual - “*symbolic historical memory*” [memória histórica simbólica] -, que era uma variante interpretativa do paradigma biológico que dominou o urbanismo e o planejamento urbano em suas primeiras décadas. A atitude de Bacon intentava conceituar “à americana” as atitudes típicas do planejamento moderno tecnocrático, baseado na abertura de vias largas, na renovação do solo urbano e na criação de pontos com perspectiva simbólica. Este conceito de Bacon, conforme apreciação de um de seus estudiosos e colaboradores, Gregory Heller, referia-se ao fato de “a memória histórica simbólica estar sempre em mutação”, levando a crer que “em qualquer período histórico, temos diferentes interpretações dos eventos históricos” contemporâneos ou precedentes⁸. Essa concepção, como expõe o mesmo autor, nada mais é do que o entendimento de que “o planejamento é um processo contínuo que cria conexão entre o passado, o presente e o futuro” e, portanto, deve ser vista como “uma

acumulação de ideias através dos tempos, cada uma respondendo à que veio antes”⁹.

Embora essa interpretação possa criar atitudes preservacionistas, ela não é, de fato, destituída de um ímpeto renovador. Assim, quando em 1959 observamos o projeto levado a cabo por Edmund Bacon para a criação de uma das áreas mais importantes do *Independence Park*, na Filadélfia – o *Independence Mall* – (Figura 6), percebemos que sua atitude operou basicamente com duas ferramentas conceituais: 1) a manutenção de uma lógica de arruamento, que permitia uma conexão com a quadrícula tradicional, advinda dos tempos de William Penn, mesmo que o parcelamento tradicional fosse descaracterizado; e, 2) a inserção de pontos focais que se reverteriam em elementos de impacto visual e, conseqüentemente, de ressignificação de arquiteturas eleitas como mais importantes na área.

Esta atitude de Bacon com relação ao *Independence Mall* reverteu, nitidamente, o caráter espacial do *Independence Hall*. O edifício, ao receber a longa explanada entre as ruas *Chestnut* e *Race*, inverteu séculos de registros visuais e de memórias sobre sua ambiência: houve uma completa mudança de sua fachada “oficial”, que veio a compor um complexo expositivo com o *Liberty Bell* (o famoso sino da história americana) e as célebres comemorações de 4 de julho. Embora seja explícita no discurso de Bacon a manutenção da memória simbólica, outros elementos

8.HELLER, Gregory. *The power of an idea. Edmund Bacon's planning method inspiring consensus and living in the future*. (Bachelor thesis). Middleton: Wesleyan University, 2004, p.84.

9. *Idem*, *ibidem*.



Figura 6. A área entre a *Chestnut Street*, entre a 5ª e 6ª ruas, antes do processo de implantação do *Independence Mall*, proposto por Edmund Bacon. Fotografia datada de julho de 1955, tomada durante as comemorações do 4 de Julho. Fonte: Revista Life. Disponível em: <http://time.com/photography/life/>. Acesso 31 jul 2015.



Figura 7. O *Independence Mall* em implantação. Demolição da primeira quadra, em meados de 1956. Fonte: GREIFF, 1987). Acesso 31 jul 2015.

igualmente representativos foram deixados para trás na construção da esplanada, como a antiga casa do presidente e dezenas de imóveis oitocentistas, que abrigavam comércios, serviços e configuravam a densidade do tecido da cidade.

A criação do Mall, literalmente dentro da cidade, levou à demolição de edifícios antigos, notadamente oitocentistas, e criou uma liberação de área, um “descongestionamento” que esgarça

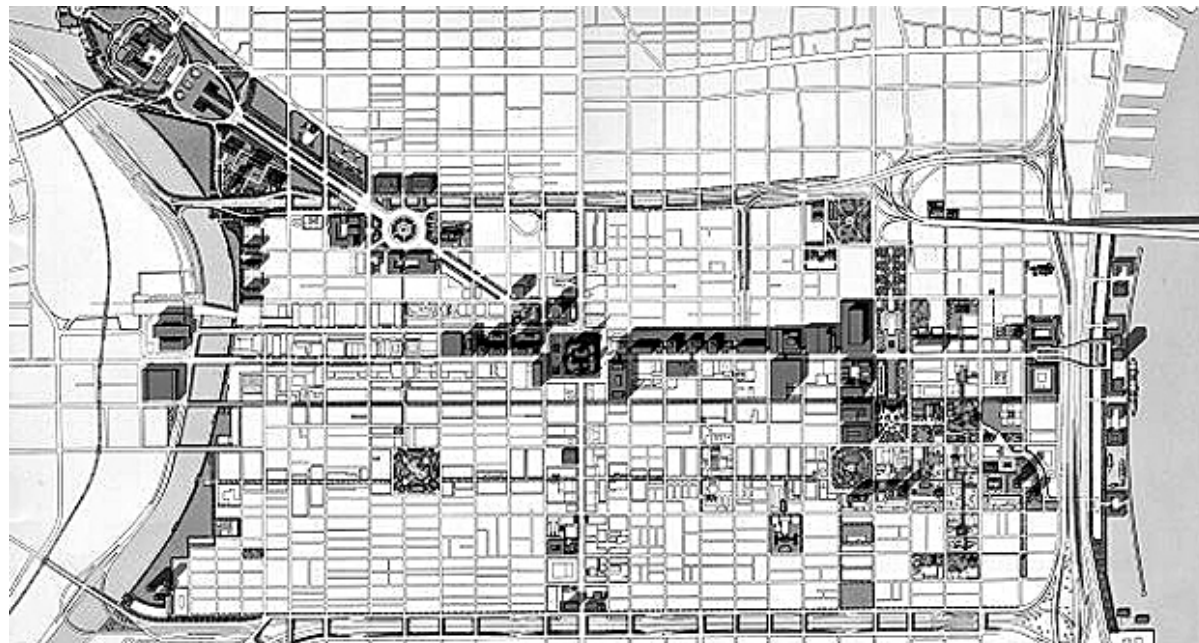
a compreensão do plano original de Holme, e enfatiza com grande dramaticidade os edifícios que permitem a compreensão da trama discursiva acerca da independência dos Estados Unidos (Figuras 7 e 8).

Assim, um dos aspectos notados na Filadélfia com a abertura do Mall por Bacon e equipe (Figura 9), diz respeito à escala das comemorações atreladas à independência americana, que passaram a ser mais demoradas, e distribuídas ao longo de todo ano, já que a cidade da Filadélfia se transformou numa cidade também turística, preparada



Figura 8. O *Independence Mall* em 1958, concluído (acima, à esquerda). Disponível em: <http://philadelphiaencyclopedia.org/archive/independence-national-historical-park/#2875>. Acesso em 31 jul 2015.

Figura 9. *The Plan for Center City Philadelphia*, c. 1960. À direita da imagem concentra-se o *Independence Park*, com a abertura do Mall, por Bacon (acima à direita). Fonte: *Philadelphia City Archives*.



especialmente para tal fim, e onde encenações de época, souvenirs e caricaturas do passado passaram a ser fornecidos aos viajores que ali aportam em profusão. O “descongestionamento edificado” promovido por Bacon numa das áreas mais antigas de ocupação na cidade, configurou um parque público de 18ha, dentro do qual estão dispostos edifícios e artefatos ligados ao processo revolucionário e à independência americana, propriamente dita, como o *Independence Hall*, o *Liberty Bell*, o *Carpenters Hall*, a *Graff house*, a *City Tavern*, o *Welcome Park*, a *Benjamin Franklin house* e a *Betsy Ross house* (ATIQUE, 2013).

A conexão espacial formulada para todas essas “atrações” redundou na declaração da área

como “patrimônio nacional”, em 1966, e como conjunto de bens de “interesse ao patrimônio da humanidade”, em 1979. Por outro, acabou abrindo espaço, também, para que a administração dos Parques Federais adotasse posturas museológicas típicas da sociedade americana de massa, conduzindo àquilo que Ulpiano Bezerra de Menezes chamou de “Disneyficação”, ou seja: abrindo flancos para a “reprodução do já conhecido, mas projetado sob formas diversas, sem, porém, alterar a substância do mesmo, de si próprio, da própria identidade”. O que, segundo ele, “sob aparência do novo, sensorialmente estimulado, a ‘disneyficação’ reforça todo um estado de coisas e mina a centralidade nele, [impedindo] o conhecimento” (MENESES, 2002). Pode-se dizer



Figura 10. “Simulacro” da casa de uma família trabalhadora na Filadélfia do século XVIII (acima à esquerda). Foto: autor, 2006.



Figura 11. Restauro “Estilístico” efetuado no antigo imóvel de Benjamin Franklin, locado dentro do *Independence Park*, na Filadélfia. Ali, outrora funcionou o Jornal “Aurora”, editado por Franklin (acima à direita). Foto: autor, 2006.

que a espetacularização e um suposto domínio da temporalidade (uma janela de volta ao passado), alimenta algo familiar, mas não gera enfrentamento com o exibido, não redundando, assim, em conhecimento.

Esta ideia repercutiu em quase todos os projetos implantados no parque, que primaram por erigir simulacros de edifícios do passado, muitos baseados em parcos registros visuais e em escavações de arqueologia histórica, comunicando uma permanência e um vigor temporal, de fato, inexis-

tentes. Exemplos dessa política são os edifícios do *Independence Hall*, do *Carpenters Hall*, da *City Tavern*, e da casa de um trabalhador do século XVIII, tratados segundo o entendimento quase *Leduciano* de que restaurar é criar uma realidade que pode não ter existido no passado, mas a qual faria sentido se tivesse sido como hoje se vê pelos olhos contemporâneos (Figuras 10 e 11).

Interessante é notar, contudo, que alguns arquitetos convidados a trabalharem na montagem do Parque, destoaram da atitude de simulacro. Os dois projetos criados por Venturi, Rauch e Scott-Brown – a *Franklin Court* e o *Welcome Park* – são divergentes da imagética e do imaginário do Parque Nacional da Independência Americana, e revelam um trato com a história e com a memória diversos daqueles que evocamos até aqui. Posto isto, passemos à análise do Memorial que toma a contribuição de William Penn como mote: o *Welcome Park*.

Um Memorial a William Penn ou à Cidade de William Penn?

A contemporaneidade vem sendo dominada pelo excesso de apelo à memória. Autores de diversas áreas têm sido veementes em apontar que a história tem sido preterida em favor da memória na sociedade de massas (ABRAMSON, 1999). Enquanto a primeira é palpável por meio de sua estrutura operativa (fontes e análises derivadas das mesmas), o que garante uma dose de “objetividade”, uma separação dos fatos e

dos tempos, a memória é livre, errática e metamorfoseante, uma vez que ela se altera ao longo dos tempos, a partir da experiência dos que a evocam, garantindo apenas fortes doses de evanescência. Isso leva a ver a memória como mais simbólica, mais etérea, pois não necessita de lugares para existir, de fato. Pierre Nora já expôs em *Lieux de Memoire*, que a memória é “ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda-poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que leva eternamente à herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e dos mitos” (NORA, 1992, p.8). Para este mesmo autor, “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais” (NORA, 1992, p.13).

Esta análise de Nora explica claramente um dos objetivos do *Independence Park*, na Filadélfia: organizar os relatos do processo revolucionário, da assinatura da Declaração da Independência, bem como do cotidiano de seus signatários, sobretudo do grupo que ficou conhecido como *Founding Fathers*, dentro do qual está a figura mítica de Benjamin Franklin. Por outro lado, até a década de 1980, William Penn havia sido excluído do lugar, por ser visto, claramente, como a personificação do colonizador.

Esta percepção é importante e nos leva a propor a seguinte reflexão: como fazer, então, com que a figura do colonizador seja trazida sem que reiteremos a dimensão britânica de dominação num parque que tem por mote, exatamente, a exaltação da liberdade, da ruptura com os britânicos, a Independência. Esta pergunta explica, de certa forma, a própria ideia de recuperação histórica atrelada a Penn, por seus biógrafos. Ele é visto como o revolucionário *avant-la-lettre*, que rompe com os britânicos, é expulso da Inglaterra e das instituições que a corporificam. É, ainda, visto como o visionário da terra da oportunidade – discurso que fala fundo ao americano, que se orgulha de pertencer à suposta terra da igualdade, algo que Alexis de Tocqueville, no século XIX, tão bem demonstrou ser contraditório (TOCQUEVILLE, 2000). Mais uma dimensão que se moldou ao redor da figura de Penn, é o fato de que ele criou a cidade que seria o berço da memória nacional: a Filadélfia. Essas características foram assimiladas na montagem discursiva da história dos Estados Unidos, e impõem um limite, contudo: Penn é o colonizador visionário, um semeador daquilo que, de fato, seria levado a termo e cultivado pelos “Pais Fundadores”. Assim, Penn pode ser *homenageado*, *recordado*, mas nunca *celebrado*.

A compreensão desta “cláusula de barreira” permite compreender claramente a própria estratégia adotada por Venturi, Rauch e Scott-Brown no projeto do *Welcome Park*. A área, assim, é mais um memorial ao “produto” de Penn – a cidade do amor fraterno –, do que à sua pessoa. Esta percepção é



Figura 12. Réplica da estátua de William Penn. A original encontra-se no topo do City Hall da Filadélfia, e foi produzida por Alexander Milner Calder. Foto: autor, 2006.

nítida se notarmos que o próprio memorial evoca o navio de Penn, com o sugestivo nome de *Welcome* (Bem-Vindo) em contraposição a outras áreas lindas e pertencentes ao mesmo parque, como *Franklin Court* e *Betsy Ross House*, por exemplo, que evocam e celebram personagens, não feitos.

Tensões Históricas, Reflexões Projetuais

O *Welcome Park*, como visto, é parte integrante do projeto de redesenho do *front* da Filadélfia, conduzido pela equipe de Edmund Bacon nas décadas de 1950 e 60. O *Welcome Park* simbolizava um gesto da cidade para com o lócus de seu colonizador. O antigo sítio da *Slate House*, antiga propriedade de William Penn, ocupada por ele entre 1699-1701, havia desaparecido e em seu lugar cogitava-se sua reconstrução pela *Friends of Independence National Historical Park*. A justificativa maior para a construção dessa obra, encomendada em 1979, era celebrar os 300 anos do plano de Penn e Holme, para a Filadélfia, a ocorrer em 1982. A bem-sucedida empreitada com a casa de Benjamin Franklin, levada a termo na década de 1970, permitiu a Rauch, Denise Scott-Brown e Venturi a elaboração deste projeto, cuja principal característica era entregar ao cidadão que adentra o lote o legado maior de Penn à cidade: o plano da própria localidade. Inserindo uma réplica em tamanho ampliado do projeto de Holme, em ardósia cinza e mármore branco, o visitante depara-se com diversos recursos gráficos para o entendimento do espaço. O primeiro deles é a busca por compreensão

da presença de uma estátua bem ao centro (Figura 12). Esta estátua, que é uma versão reduzida da que coroa a torre do *City Hall*, executada por Alexander Milner Calder, pai do inventor do móvel, e uma das principais referências visuais para a exata demarcação do cruzamento das duas grandes ruas do plano de Penn e Holme, está inserida no lugar exato em que a *Broad Street* e a *Great Street* (hoje, *Market Street*) se cruzam. Este é um recurso típico do pensamento pós-modernista, em que o recurso à semiótica se apresenta: tensionando a escala, os arquitetos provocam a compreensão do visitante

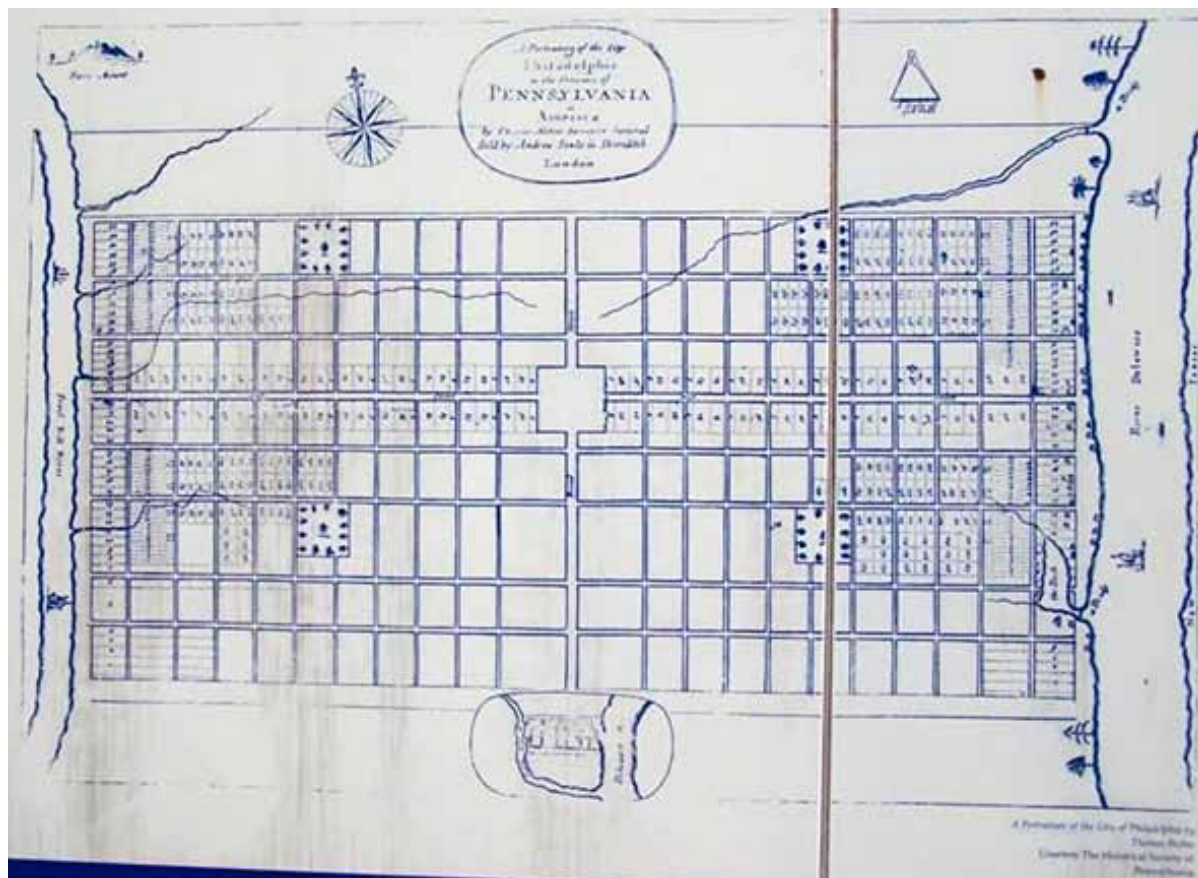


Figura 13. A percepção da “quadrícula” no piso. Em mármore branco, as vias; em ardósia cinza, as quadras. Foto: autor, 2006.

Figura 14. A área vista a partir da *Second Street*. O *Welcome Park* tem, na verdade, dimensões de um “pocket park” (à direita). Fonte: Google Street View. Acesso 20 abr 2013.



Figura 15. Reprodução do mapa que remonta ao Plano desenvolvido por Holme e Penn para a Filadélfia (abaixo). Foto: Reprodução de painel de azulejo da área feito pelo autor, 2006.



sobre a própria cidade. Evocando a memória acerca do território da cidade, apresentam-na por meio do seu documento de nascimento: o plano de ocupação (Figuras 13, 14, 15 e 16).

Este recurso mnemônico aparece algumas outras vezes no projeto, quando, por exemplo, uma escultura em bronze da *Slate Roof House*, a antiga residência de Penn, é disposta num pedestal e locada em cima do exato ponto em que ela se erigia dentro do plano, ou seja, no mesmo local em que o visitante está: no agora espaço batizado de *Welcome Park* (Figura 17). Essas atitudes não são óbvias ao serem experimentadas, o que leva o visitante a ter de decifrar os sinais dados pelos arquitetos.



Figura 16. Vista aérea. O *Welcome Park* reproduz o projeto de implantação da Filadélfia desenvolvido por Holme e Penn. Fonte: Google Maps, 2013.

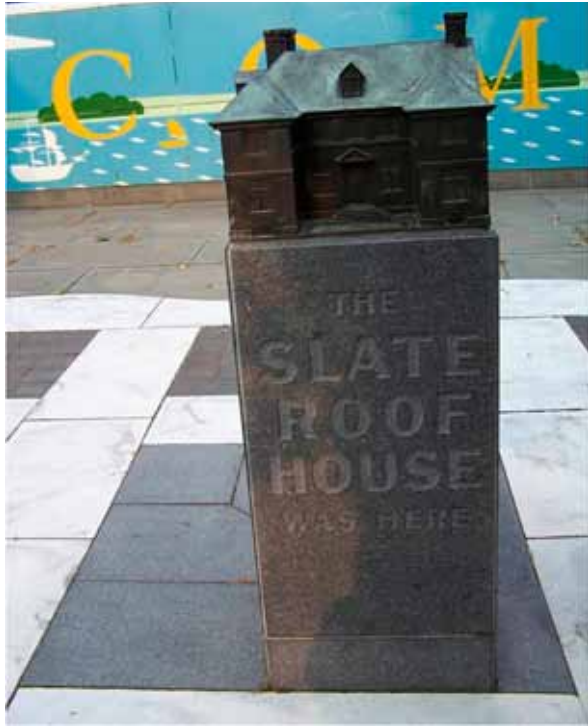


Figura 17. A “maquete” em bronze da Slate Roof House, instalada no local que ela ocuparia no plano realizado. Foto: Autor, 2006.



Figura 18. Painel de azulejos, contido nos muros de fechamento, que narra a “saga” de William Penn. Foto: Autor, 2006.

Após certas posturas vertiginosas, em que a noção territorial e de escala são colocadas à prova, os arquitetos procuram atrair o usuário por meio de um imenso painel de azulejos serigrafados que configuram uma linha do tempo alusiva à vida de William Penn (Figuras 18 e 19). Esta solução, que resolve a inserção do projeto quase que bidimensional num lote regular, assegura, também, a compreensão do personagem histórico e de seu legado para a cidade que visita.

Os arquitetos operam no espaço sem nenhuma reconstrução estilística, sem nenhuma *disneyficação* do espaço, e com fortes apelos à história para a produção de uma memória que delimitam. A operação de Venturi, Rauch & Scott Brown, neste caso, é o uso da própria memória individual, requisitada do turista pela compreensão da sua própria inserção geográfica. Em linhas gerais, é criando um estranhamento com um memorial que os arquitetos abrem sendas para o trabalho da memória pelo espaço.

O parque da Independência, que começou a ser projetado nos anos 1930, causou verdadeira renovação urbana na cidade da Filadélfia, antiga capital dos Estados Unidos e berço da memória nacional americana, território que abrigou a assinatura da Declaração da Independência das 13 Colônias Inglesas, e vislumbrou lutas durante o Período Revolucionário em finais do século XVIII, fatos exaustivamente evocados pela história e pela memória da cidade. A localidade que fora

fundada por ordem de Willian Penn, baseando-se no traçado urbano de Thomas Holme, viu, para a implantação do parque, parte substancial de suas edificações oitocentistas desaparecerem em nome do “desafogo urbano” e da criação de “visuais simbólicas”. Esta operação, controversa, mas propalada como “estratégica” à invenção de uma cidade turística, procurou estabelecer marcos físicos - por meio da paisagem, da eleição de símbolos, da colocação de projetos - que criassem um pronunciamento oficial sobre a Independência Americana em seu “berço”.

Paralelamente, a inserção de projetos que negam a postura “reconstituidora” de formas do passado, como o *Welcome Park*, de autoria de Venturi, Rauch & Scott-Brown, embora possam ser mobilizados pela crítica, em geral, como expressões de um pós-modernismo que praticavam, possuem dados advindos do campo patrimonial, e de suas teorias. Devemos alertar, contudo, que certa visão recorrente na historiografia arquitetônica acerca da “genialidade” dos arquitetos deve ser diminuída pela compreensão das requisições e dos condicionantes políticos e oficiais que embasaram as edificações que compõem o parque. As dimensões da tutela exercidas pelo *National Park Service* reverberaram no espaço da cidade e alteraram a postura de simulacro que o próprio órgão exigia.

O *Welcome Park*, assim nomeado em homenagem ao navio de William Penn, procurava dar uma solução ao sítio ocupado outrora pela casa



Figura 19 – Painel de azulejos, contido nos muros de fechamento, que narram a “saga” de William Penn. Foto: Autor, 2006.



Figura 20 – Com a escala humana, as tensões de escala pretendidas pelos arquitetos, se apresentam. Foto: Autor, 2006.

do colonizador, Penn, e foi tratado pelo escritório de Venturi como uma metáfora da própria cidade. No lugar onde residia o personagem que legou a forma urbana ancestral da Filadélfia, uma das primeiras cidades em quadrículas erigidas no atual território dos Estados Unidos, Venturi e associados implantou um desenho de piso que rompe com a escala do plano original, e transforma o traçado urbano em paginação de piso, permitindo ao usuário compreender o território em que pisa duplamente: na escala urbana – pois as referências ao traçado são dadas – e na escala do andar.

Por fim, esta intervenção de Venturi, Rauch e Scott-Brown revela que as operações espaciais são, também, maneiras de se posicionarem perante as articulações narrativas advindas do campo da história e da produção da memória. Assim, ao operarem no espaço, os arquitetos inegavelmente operam sobre a memória urbana: validando um discurso ou mesmo negando-o. Em todo caso, esta chave analítica só comprova que a Arquitetura é fundamental para a vida urbana (Figura 20).

Referências

ABRAMSON, Daniel. Make History, not Memory. History's critique of memory. **Harvard Design Magazine**. Cambridge: 1999, n. 9. Disponível em: <http://partizaning.org/wp-content/uploads/2014/01/Make-History-Not-Memory.pdf>. Acesso 20 out 2014.

ATIQUE, Fernando. A Invenção de uma Cidade 'Histórica': O Parque Nacional da Independência dos EUA e as ações de Edmund Bacon, Robert Venturi e Penelope Batcheler. **Anais do Arqui-memória 4** - Encontro Internacional sobre Preservação do Patrimônio Edificado. Salvador: IAB - UFBA, 2013.

BOURDIEU, P. A **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CODY, Jeffrey. **Exporting American architecture (1876-2000)**. New York: Routledge, 2001.

FISHER, Thomas. What memory? Whose Memory? In: BASTÉA, Eleni. **Memory and architecture**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2004, p.283-292.

GREIFF, Constance M. **Independence: the creation of a National Park**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1987.

GOOGLE Street View. **Philadelphia, Second Street**. Acesso 20 abr 2013.

HELLER, Gregory. **The power of an idea. Edmund Bacon's planning method inspiring consensus and living in the future**. Middleton: Wesleyan University, 2004 (Bachelor thesis).

HISTORICAL Society of Pennsylvania. Slate Roof House. Disponível em: http://digitallibrary.hsp.org/index.php/Detail/Object/Show/object_id/1200. Acesso 23 mar 2015.

INDEPENDENCE National Historical Park. Disponível em: <http://www.nps.gov/nr/twhp/wwwlps/lessons/132independence/132locate2.htm>. Acesso 28 mar 2015.

POWELL, Jim. **Biografia:** William Penn. Instituto Ordem Livre. Disponível em: <http://ordemlivre.org/posts/biografia-william-penn>. Acesso 25 mar 2015.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. In: Seminário Museus-Casas, IV - Pesquisa e Documentação. **Anais.** Rio de Janeiro: Ministério da Cultura: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002, p.17-39.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História.** São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

PENNSBURY Manor. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Pennsbury_Manor. Acesso 28 mar 2015

PHILADELPHIA: a guide to the city. 2nd edition. Philadelphia: Foundation for architecture, 1994.

PHILADELPHIA City Archives. Disponível em: <http://www.phila.gov/phils/carchive.htm>. Acesso 28 mar 2015.

SU, Anny. Franklin Court, Philadelphia, PA. In: **Prospectus:** University of Pennsylvania, 2007, p.21-27.

THE LIBRARY COMPANY of Philadelphia. **Digital Collections.** Disponível em: <http://lcpdams.librarycompany.org>. Acesso 28 mar 2015.

THOMAS, George E.; BROWNLEE, David B. **Building America's First University:** an historical and architectural guide to the University of Pennsylvania. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

THOMAS, Henry B. The Many Williams Penn. Tredegar Easttown Historical Society. **History Quaterly Digital Archives,** 1991. Disponível em: www.tehistory.org/hqda/html/v29/v29n2p077.html. Acesso 24 mar 2015.

TOCQUEVILLE, Alexis de. Democracy in America: the complete and unabridged volumes I and II. New York: Random House, 2000.

VENTURI, Robert; SCOTT-BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. **Aprendendo com Las Vegas:** o simbolismo esquecido da forma arquitetônica. São Paulo: Cosac Naift, 2003.

WELCOME Park. Disponível em: <http://www.ushistory.org/tour/welcome-park.htm>. Acesso 21 mar 2014.

SLATE ROOF House. **William Le Breton Architects**. Disponível em: www.brynmawr.edu/iconog/bre/br22.jpg. Acesso 25 mar 2015.

WILLIAM Penn. **The Biography.com**. Disponível em: <http://www.biography.com/people/william-penn-9436869>. Acesso em 26 mar 2015. ■